

Por um devir monstro: adivinhaadiva desfaz seu rosto

Matheus Silva

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

DOI: <https://doi.org/10.21680/2595-4024.2022v5n2ID30735>

Resumo: O presente artigo traça uma convergência entre os dispositivos teórico-práticos de meu processo inventivo na arte da performance, na qual “instauro” uma existência mínima, a AdivinhaaDiva, uma bufona-ciborgue-bixa. Por meio de uma investigação na interface entre arte e vida, almejei o entrecruzamento da prática criativa do bufão, conforme Bya Braga e Joaquim Elias, para produzir uma atividade que acomete ao “ativismo”. Tratam-se de dispositivos de intensificação de uma prática que torna o corpo um espaço de denúncia e o liberta de conservadorismos, levando-o a lugares não conhecidos, selvagens e impessoais. Para tanto, muitas questões se mostram em aberto e precisam ser discutidas: como superar os valores sociais normativos e “instaurar” essa população estrangeira que nos orbita, via arte da performance? Em que medida é possível tratar de uma produção artística aproximando o “modo de existência” bixa na arte da performance com o ativismo? Como poderei relacionar essas instâncias? Como tal “existência mínima”, partido de uma performer como agente instauradora, pode inventar um mundo, uma existência compartilhada?

Palavras-chave: Instauração; Arte da performance; Bufona; Rostidade.

Abstract: The present article is interested in tracing a convergence between the theoretical-practical devices of my inventive process in the art of performance, in which I “establish” a minimal existence, the AdivinhaaDiva, a buffoon-cyborg-bixa. Through an investigation into the interface between art and life, I aimed at the intersection of the creative practice of the buffoon, according to Bya Braga and Joaquim Elias, to produce an activity that affects “artivism”. These are devices for the intensification of a practice that makes the body a space for denunciation and frees it from conservatism, taking it to unknown, wild and impersonal places. Therefore, many questions are open and need to be discussed: how to overcome normative social values and “establish” this foreign population that orbits us, via performance art? To what extent is it possible to deal with an artistic production approaching the bixa “mode of existence” in performance art with artivism? How can I relate these instances? How can such a “minimal existence”, based on a performer as an initiating agent, invent a world, a shared existence?

Keywords: Establishment; Performance art; Buffoon; Faciality.

Vejo pássaros selvagens, e instintos mais selvagens do
que os mais selvagens pássaros erguem-se
do meu selvagem coração.
Meus olhos são selvagens; meus lábios, firmemente comprimidos.
O pássaro voa; a flor dança; mas eu ouço sempre o embate
monótono das ondas; e a besta acorrentada pateia na praia.
Pateia sem parar

WOOLF, 2004, p. 44.



Imagem 1 - "cOFFeeCENA # 3: O corpo desembestado de AdivinhaaDiva". ObsCENA agrupamento em parceria com Sesc Palladium. Realizada no Foyer Rio de Janeiro, em Belo Horizonte/MG, em 17 de novembro de 2017. Foto: Clarissa Alcantara.

Secreção. Maquiagem. Cicatrizes. Próteses. Elementos que compõem uma guerrilha artística. Um corpo quer se desencurrular: não aguenta mais tudo aquilo que o jugula. Não quer produzir consensos. Atualiza-se pela arte da performance, na qual bufa por existência. Uma bufona disforme pede para existir mais, nascer via meu corpo desembestado. Criatura de aspecto monstruoso, com traços aberrantes, causa um reboiço nas noções consolidadas, prontas. Nasce desse jeito, sem aviso prévio e com um nome: AdivinhaaDiva, a Diva de mundos larvais: “Grosso modo, bufões são tipos cuja função é destruir qualquer lógica imposta de fora para dentro, deslocar a compreensão dos fatos, inverter a ordem estabelecida, alterar o jogo sem qualquer aviso prévio” (ELIAS, 2018, p. 23). Pela arte da performance, eu sou a agente instauradora dessa bufona:

O Bufão pode ser visto, assim, como marca profunda no corpo social, ao modo de grande cicatriz, mal costurada e considerada feia, fazendo-nos pensar nas circunstâncias afetivas em que foi gerada, momentos estes geralmente atravessados por atos de violência. Vale salientar que historicamente a figura do Bufão é tomada como uma imagem que faz referência a um modo de expressividade estética que transita entre a arte e a vida. Ela sinaliza discursos diferenciados e pode, portanto, colaborar para o fortalecimento da ação humana para além do ato artístico. O bufão pode contribuir, assim, para determinados modos de ativismo social (BRAGA, 2017, p. 38).

AdivinhaaDiva é uma existência mínima que me coabita e que me pede sempre para existir mais. Ela requer uma atividade ética-estética-política-

ecológica, uma arte de fazer existir mais essas forças estrangeiras e embrionárias que me povoam... No ato, ela esboça sua nova maneira de vir ao mundo. Sempre produzindo novas conexões para existir mais, Adivinha me faz fazer e inventar com ela novos mundos possíveis. Mas, quando instaurada, ela ainda provoca repúdio, nojo, asco nos corpos domesticados; suas ações lhe fazem acabar às margens, posto que os corpos dóceis não suportam essa animalidade desembestada. Banida, do limbo, quase ninguém. Do descarte: como muitas odiadas e mortas. Anônimas, sem fisionomia (ou seria Cem fisionomias?); um bando banido, que reúne existências não aceitas, anuladas, negadas, levadas, recusadas, caladas. Uma monstra, repudiada e ocultada, nasce por meu corpo febril:

Se colocar em uma zona de indiscernibilidade na qual a fronteira se embaralha – nem humana, nem animal, nem vegetal, nem mineral, nem desumana – inumana. Para atingi-lo, é preciso estar do lado do informe, como dizia Gombrowicz, do inacabamento. As formas dadas, excessivamente definidas, esculpidas, apolíneas, não dão a ver precisamente o “monstro” que elas encobrem. O monstro só aparece, como mostrou Aristóteles, quando na gestação a matéria não é suficientemente exposta à ação da forma – é a matéria não moldada que transborda, que excede. Por isso, diz José Gil, o monstro desvela o excesso de matéria, ele “é sempre um excesso de presença”, “obscenidade orgânica”. Pois é o interior visceral à flor da pele (PELBART, 2019, p. 246).



Imagem 2 - Ensaio "O corpo desembestado de AdivinhaaDiva", realizado no centro de Belo Horizonte/MG, em 20 de dezembro de 2017. Foto: Lorena Zschaber.

O corpo desembestado é aquele no qual os impossíveis coexistem e no qual o que é embrionário ganha passagem. Trata-se de possuir seu próprio caminho como objetivo, de apostar no ato ao invés de levantar hipóteses ficcionais, de fazer, produzir conhecimentos de nós por nós, transmutar os processos e inventar novos mundos no mundo; uma performer está sempre conectando e ampliando estratégias, imbricando sujeito e objeto em processos experimentais, em experiências-limite. Com ênfase no processo e na ação, a arte da performance institui um espaço de tensão entre pensamento, corpo e distintos espaços para relacionar-se com forças desconhecidas, mas sem transformar o novo em algo familiar. Não se trata apenas de uma experiência extra cotidiana, mas de uma intensidade que desqualifica a lógica racional, não se transforma em linguagem e engendra um evento artístico, de modo a afirmar as dimensões humanas e inumanas implicadas nessa produtividade. A potência

dessa prática é fazer “corpo com”, é permitir-se ser atravessada por outras populações larvais, redesenhar-se e se refazer continuamente; conectar sua potência com a potência do mundo no espaço limiar entre arte e vida para a instauração de uma existência outra:

Instaurar é fazer valer esse direito, promovê-lo. É legitimar uma maneira de ocupar um espaço-tempo. [...] A partir de então, instaurar é como se tornar advogado dessas existências inacabadas, seu porta-voz, ou melhor, seu porta-existência. Carregamos sua existência como elas carregam a nossa. Compartilhamos com elas a *mesma causa*, contando que possamos ouvir a natureza das suas reivindicações, como se exigissem ser amplificadas, aumentadas, enfim, tornadas mais reais. Ouvir essas reivindicações, ver nessas existências aquilo que elas têm de inacabado, é forçosamente tomar o partido delas. É o que significa entrar no ponto de vista de uma maneira de existir, não apenas para ver por onde ela vê, mas para fazê-la existir mais, aumentar suas dimensões ou fazê-la existir de uma outra maneira (LAPOUJADE, 2017, p. 90).

Como instauro-me AdivinhaaDiva? Advogo por AdivinhaaDiva, uma bufona, uma criatura anômala e monstruosa; ela transporta abalos, faz a gente rir de nós mesmas. Permite revoluções naquilo que em mim é cercado pela indústria da cultura hegemônica, triunfante e, em sua existência performática, toca a dimensão singular do desconhecido, do provisório e se liberta das bases conservadoras e dos conformismos. Tal existência, assim, esgota-se do que a aprisiona e reluta diante a inscrição dos poderes diversos sobre a mesma, contra a sua redução a uma intensa “docilização” e domesticação adquiridas. Como agente instauradora de tal força bufônica, acompanho seus movimentos aberrantes, que provocam o nascimento de uma força desestabilizadora das formas vigentes e hierárquicas.

Em rito performático, repito: calma e confia. Se por um lado desembestar é tornar o corpo todo um espaço de denúncia, um verdadeiro campo de guerra, quando instaurar é formalizar, instituir uma existência, por outro diluo, desqualifico o tribunal em mim e com ele, todo seu sistema: passo a me proteger e a me defender menos, a julgar menos, a apontar menos, a discursar menos, a citar menos, a resistir menos, a ensaiar menos. Dissolvo, com isso, todo um “microfuncionamento”, todo um patrulhamento e vigilância que me encerra no lugar de projeções, de projetar e a pensar o certo, o errado. Quando ainda acorrentada à máquina abstrata, a besta queria uma medida, queria o isolamento; cansou-se de sua rede conectiva. Inventou para si uma rede que a prende na praia, que a cobria de sensações de segurança e pertencimento. Este seu patear não produzia novas ondas. Encalhou-se.

A besta não conseguia amar, nem a si mesma e, portanto, separou-se da natureza. Tinha total recusa por ela e seu temperamento intempestivo. Não conseguia dançar, ficava sempre a ouvir uma mesma melodia melancólica, entupida de ressentimento. Desejava pouco? Protegida? Estava pateando na sua pocinha? Mas outra voz lhe dia: solte-se, cara performer, desprenda seus pés destas correntes pesadas que você criou para se proteger de você mesma. É preciso ir fundo para que estes cordões, estas marcas possam se dissolver com o mar. Lave estas noções estabelecidas e presenteie um descanso a si mesma. E, então, tudo isso que me bloqueava ia por água abaixo. AdivinhaaDiva me arrasta de meus medos mundanos: confio e tenho mais calma, fecho os olhos e escuto os sons ao redor e aqueles que estão em mim: respirações, burburinhos, gritos contidos. O ambiente e o que o acompanha. Deixo sair um bom bocejo de um devir-leão. Abro a boca e estico a língua para fora. Respiro. Res-piro.

Mas eis que a besta percebe que não tem controle sobre o conjunto das variáveis que pipocavam nas direções das mais diversas. É exatamente isto. Por isso ficava tão inquieta, tão aflita, tão ansiosa querendo domar o conjunto dos

movimentos e centrá-los em torno de si. Meu olhar mudou novamente. Morte súbita, uma rachadura na corrente que a aprisiona, ela dispara e não sabe mais aonde vai a estrada; vai no relâmpago. O círculo rompe-se. Liberdade, ela desgruda. Mas onde está a fratura nessa continuidade? Qual a fissura pela qual a besta produz sua liberdade? Pensa precipitado e quer desagarrar o mundo com suas pequenas pernas, fazer fruir este emaranhado de vontades. Seu desejo é da ordem do acontecimento que, por um lado, surge abruptamente num instante e, ao mesmo tempo, tem a sua eternidade de revisitação. Nesse sentido, esse acontecimento é inatual. Há uma inatualidade no acontecimento de um desembestar, que não está encaixado no entorno das circunstâncias; a besta saltou como que para fora da circunstância. Faz existir um mundo não mais imune às transformações, esvaziado do tempo da medida. É preciso decodificar o tempo para olhar a montanha e ver o seu movimento. Virginia Woolf arrasta-me em suas torrentes. Ondas que fazem-me naufragar em mim mesmo. Ondas que me despertam um enjoo, uma tontaria. Ondas. Lanço estas palavras desacorrentadas junto à liberdade desse agora que escapa. Quero agarrar o “instante já”, de Clarice Lispector:

Mas o instante-já é um pirlampo que acende e apaga, acende e apaga. O presente é o instante em que a roda do automóvel em alta velocidade toca minimamente o chão. E a parte da roda que ainda não tocou, tocará num imediato que absorve o instante presente e torna-o passado. Eu, viva e tremeluzente como os instantes, acendo-me e me apago, acendo e apago. Só que aquilo que capto em mim tem, quando está sendo agora transposto em escrita, o desespero das palavras ocuparem mais instantes que um relance de olhar. Mais que um instante, quero o seu fluxo (LISPECTOR, 1978, p. 16).

AdivinhaaDiva faz meu corpo desembestado desembestar. Estou no terreno delicado do vazio. Como não enfiar ideias fechadas? O que brota da náusea? Tenho a sensação de estar além de tudo, através de tudo, fora de tudo. Sinto a vida como nuvem, cada hora numa paisagem diferente. Aqui a natureza não é mestra, é a ela que me associa. E então nada mais me separa da natureza, nada mais me individualiza, nada mais me limita em um corpo finito. Não me sinto mais uma unidade estanque, nada mais determina meus limites físicos; somos partes indefinidas na unidade da natureza. Só consigo ser livre quando não estou subordinada ao pessimismo. Preciso de “alegria”, prazer, júbilo, contentamento. Olhos em minha nuca e vejo focos desfocados, difusos e diáfanos, diante da vontade densa. Desvios para a passagem de intensidades que fazem fugir o desejo que não possui pré-ocupações, porque só assim o desejo é: “pipocações”. As vozes atrás dos pensamentos sem figurações, várias bestas soltas correm à margem do meu eu. A travessia pelo maciço, árdua e espessa. Para sustentar as possibilidades, preciso ouvir as Valquírias que me acompanham, o estado alterado que escapa, que vaza: elas que cavalgam com as patas pegando fogo em direção ao mar. Um ar mais calmo, respirado e enfim, não afobado. A besta a galopar na praia: loucura? “Desrazão”? Como foi que fiz isso? Como faço?

Relaxo e mantenho os olhos fechados. Vou para o estado intensidade igual a zero. Sinto meu corpo invertebrado. A minhoca é o gérmen de um novo ser. Um devir-minhoca no chão... o peso... a entrega da massa corpórea à gravidade da Terra... a malemolência desse corpo, um devir larval, invertebrado, animalesco. Que reage. Um corpo minhoca é o seu anômalo, sua ponta de desterritorialização; aquela que transporta o movimento. Sem ossos, convido minhas legiões estrangeiras, essa população inaudita, as existências mínimas e anômalas que me coabitam, vivem em mim. Vejo-as fazendo um círculo em meu entorno. Observo-as, com calma. Continuo com os olhos fechados e o

corpo cada vez mais poroso. Passo a ver com os ombros, respirar pela pele, ouvir com os pés. Vou aos poucos caotizando esse corpo, explorando distintos modos de experimentar direções, níveis, planos, platôs, sentidos e extensões do movimento. As existências mínimas ganham cada vez mais legitimidade e elas começam a ganhar formas. Formas não harmônicas, mas definitivamente com ossos. Talvez osso demais, talvez osso de menos. Coloco o alargador bucal.

E, movendo-se, AdivinhaaDiva começa a ganhar mais existência; ela se alimenta de meus *perceptos*, *afectos* e outras forças. Desmobilizo-me! Desobstruo-me! Sinto os vetores contrários ao meu corpo; entrego-me. Ativo forças! Estou no “instante-já”. Experimento um devir-gárgula molecular, o meu devir-carranca e com essa gárgula, essa carranca, deslizo, flutuo com esse corpo e afasto emoções não-ditas e opressoras. Sinais de uma existência, nesse corpo que se desfigura e deforma, nessa carcaça, ganham evidência. Como transformo o corpo em um espaço de denúncia daquilo que o oprime? O que meu corpo não aguenta mais? O que é inegociável para o meu corpo, para a minha existência? O que esse corpo dá a ver a mais são as suas marcas e cicatrizes, que nele brotam feito próteses e anexos para uma máquina de guerra. Como ampliar a minha guerrilha? Que seres me coabitam e se mantêm afastados e agora saem de seus exílios? Que população estrangeira e marginalizada é essa que ganha força em meu corpo? Que manifesto minha mostra chamada AdivinhaaDiva carrega em si e para seu bando? Como bufa? E, galopando veementemente, desenfreado, desgarrado, enfim, “desembestado”, esse corpo dispara e, conforme Deleuze e Guattari, desfaz ininterruptamente seu “rosto”:

Os rostos não são primeiramente individuais, eles definem zonas de frequência ou de probabilidade, delimitam um campo que neutraliza antecipadamente as expressões e

conexões rebeldes às significações conformes. Do mesmo modo, a forma da subjetividade, consciência ou paixão, permaneceria absolutamente vazia se os rostos não formassem lugares de ressonância que selecionam o real mental ou sentido, tornando-o antecipadamente conforme a uma realidade dominante. O rosto é, ele mesmo, redundância. E faz ele mesmo redundância com as redundâncias de significância ou frequência, e também com as de ressonância ou de subjetividade (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 32).



Imagem 3 - Ensaio de "O corpo desembestado de AdivinhaaDiva" para a exposição Fotofagias - A fotografia no contexto da cultura digital, no espaço f - Escola de Belas artes da UFMG, Belo Horizonte/MG, em 30 de novembro de 2017. Foto: Marcello Nicolato.

Um rosto, para Deleuze e Guattari, é sempre uma semelhança, uma identidade cristalizada, um ponto onde múltiplas linhas de significação se cruzam. O rosto não é somente uma face, mas um corpo todo tomado por um território significativo, ou simplesmente significante que ordena e define o normal e o anormal. Espaço para valores e sentimentos individuais imporem uma perspectiva, uma maneira de existir, de se movimentar, de expressar. Desfaço o modelo de “rostidade” dominante no corpo, essa estrutura organizada que tem tudo em seu lugar determinado; produzo nele um caos. Minha cara é lisa, sem relevo, sem arquitetura.

Bufona-ciborgue-bixa: um modo de existência está desde sempre e para sempre implicado com sua convicção política. Trata-se da nossa rede de relações de forças, na qual manobramos as tensões todas. E quais são nossas táticas, nossas estratégias para mantermo-nos vivos, em tempos de extermínio das diferenças? AdivinhaaDiva cria para si uma política da festa, de uma blasfêmia que combate uma violência nada abstrata, mas que se circunscreve nos corpos, policiando-os. Seu sorriso é diabólico. “Por isso o riso do bufão, que retoma a ideia do riso medieval do bobo do rei, é o riso que contém a verdade que fere, é o riso da loucura reveladora que aparece subvertendo regras e invertendo valores, expressando o ridículo das relações de poder” (BORDIN, 2013, p. 85). Uma existência que encorpa o “ativismo”, que ganha conjuntura e torna o corpo uma zona de agitação, motim que provoca inquietudes capazes de abalarem o império dos hábitos e padrões. Um corpo grotesco resultante do impacto de forças com a realidade; tal choque com sua natureza monstruosa a fazia fugir em direção a um fluxo vital que transfigurava o corpo e suas formas de manifestar-se:

Os artistas ativistas de hoje compartilham uma série de estratégias de atuação, são críticos ao sistema da arte e desejam produzir algo “útil”, algo que modifique a realidade social. Suas obras, ações ou manifestos organizados muitas vezes pela internet ganham as áreas públicas e de uso cotidiano das cidades, re-significando-os e criando novas maneiras de circulação, discussão e debate. A dimensão política da arte, em contato com diferentes dinâmicas sociais, tem um papel muito particular de criar espaços de discussão por meio de experiências críticas, lúdicas, irônicas e criativas. A arte empresta ao repertório do ativismo seu próprio repertório de símbolos, ideias e estratégias de expressão e comunicação, fazendo sua linguagem de intervenção entrar em diálogo (ou conflito) com o repertório da ação política (CAMPBELL, 2015, p. 261).

Um corpo desembestado expõe todo um conjunto de sinais que o compõem, uma vez que o Brasil é um país com alto índice de violência contra a população LGBTQIA+. Portanto, é de extrema importância que um corpo bixa possa reivindicar por proteção social, por medidas e políticas públicas que combatam a violência que as fazem tombar, que ceifam suas vidas. Trata-se de um corpo que milita “em defesa da população LGBTQIA+ e contra ações letais que violam direitos humanos e inumanos, contra o desprezo pela vida” (SILVA, 2021, p. 264).



Imagem 4 - "O corpo desembestado de AdivinhaaDiva", realizada no "I Simpósio de Estudos e Práticas da Performance", nos arredores do PPGAC - UEMG, em 24 de setembro de 2019. Foto: Rômulo Rodrigues.

Eu quero o prazer de fruir pelo movimento, de escapar da raia e nadar sem consignas apontando-me rumos. Existe um trabalho que não se interrompe, ou ele se perde. Tudo precisa de persistência e retorno. Uma performer precisa dedicar sua atenção àquilo que move seu trabalho, no que concretiza o andamento. Ela conquista o universo em alta velocidade, ansiando pelo tempo o qual não se conta o "tic-tac", não se tem minutos, não conta qualquer outra coisa. "Desembesta", cara performer, porque só assim você vai ser sincera com seu desejo e prosseguir sem precisar prestar contas a ninguém, sem culpar-se ou pedir desculpas. "Desembesta", diva performer, para que você coloque em prioridade seu contínuo prosseguir e produza as

estratégias e táticas para “desembestar” o mundo. O que te digo não é regulado, é apenas “escracho”.

É preciso mais “escracho” para gozar a vida. Torne visível suas forças e não o medo de tudo dar errado, de não conseguirmos, de não termos tempo, de estarmos despreparadas, ainda não trabalhadas o suficiente. Não se force tanto, é aí que você fica presa às formas, à farsa que só te desvia do movimento e não te deixa saltar. Você, querida performer, pode estar presa à utilidade das coisas. Desembeste, querida performer, pois só assim conseguirá atualizar o seu desejo e o sintonizar com o desejo do mundo. Desembeste, querida performer, para que não fique afogada em seus anseios e presa em um não-lugar, em um portal, não indo à direção alguma. Desembeste, cara performer, para que não fique alienada em sua crise existencial. Desembeste, amada performer, para que não fique tão encerrada na cultura que já adquiriu. Desembesta, meu amor, para sair do cercadinho. Desembesta, querida performer, para não precisar encaixar nos sonhos de ninguém, nem nos seus próprios. Desembesta, cara performer, para não precisar ser aprovada por ninguém, nem mesmo por você. Desembesta, minha amada, para que continue a dançar Madonna pelos corredores, a escorrer pelas paredes, a deslizar. Desembesta, bixa, assim você surfa nas ondas da existência e, não se esqueça, ela te leva pra cima, ela te leva pra baixo. Desembeste, monobre, vá!



*Imagem 5 - “O corpo desembestado de AdivinhaaDiva”, durante o evento “Queerlombos: território de guerrilha”, realizada nos arredores da Praça da Estação em Ouro Preto/MG, em 21 de novembro de 2019.
Foto: Pedro Vaz.*

REFERÊNCIAS

- BORDIN, Vanessa Benites. "Artivismo – borrando fronteiras entre vida e arte". Zona de impacto, v. 2, (julho/dezembro, 2015), p. 126-135. Disponível em: <[BORDIN, Vanessa; Artivismo – borrando fronteiras entre vida e arte.pdf](#)>. Acesso em: 11 jul. 2021.
- _____. O jogo do bufão como ferramenta para o artista. 2013. 115f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- BRAGA, Bya. "Figuras Bufônicas: Cultura Material de Ator e Outros Bichos". In: BRAGA, Bya; TONEZZI, José. (Orgs.) O bufão e suas artes: artesanaria e soberania. Jundiaí, SP: Paco, 2017, p. 31-56.
- CAMPBELL, Brígida. Arte para uma cidade sensível. Tradução para o inglês de Valéria Sarsur e Pedro Vieira. São Paulo: Invisíveis Produções, 2015.
- DELEUZE, Gilles. Cartas e outros textos. Edição preparada por David Lapoujade. Tradução de Luiz B. Orlandi. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. 3. v. Tradução de Aurélio Gerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1996.
- ELIAS, Joaquim. No encaicho dos bufões. Belo Horizonte: Javalí, 2018.
- LAPOUJADE, David. As existências mínimas. Tradução de Hortência Santos Lencastre. São Paulo: n-1 edições, 2017.
- LISPECTOR, Clarice. Água viva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.
- PELBART, Peter Pál. Ensaios do assombro. São Paulo: n-1 edições, 2019.
- SILVA, Matheus. Corpo desembestado: por uma instauração bufona-ciborgue-bixa. 2021. 286f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Artes - Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.
- TONEZZI, José. "Bufonaria, Riso e Anomalia". In: BRAGA, Bya; TONEZZI, José. (Org.) O bufão e suas artes: artesanaria e soberania. Jundiaí, SP: Paco, 2017, p.75-88.
- WOOLF, Virginia. As ondas. Tradução de Lya Luft. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.